

A FAMÍLIA COMO ELA É

A família retratada com muito bom humor.

Este espetáculo aborda temas cotidianos da vida em família. Uma montagem que agrada crianças, jovens e adultos. Diversão e emoção permeiam um texto instrutivo que fala de relacionamento familiar, drogas e gravidez na adolescência.

Adequado para grupos de estudo do assunto família, pode também ser trabalhado em mocidades espíritas.

Personagens

Jacira

Walter

Mariana

Tati

Alex

Giovane

Eliza

Tio Carlão

Zumira

CENA I – Café da manhã

[Sala de uma casa modesta]

[Mariana entra na sala, arruma uma coisa e outra com ar preocupado. Tatiana entra com livros.]

Tati: Mãe, não tem café?

Mariana: Não, filha, ainda não tive tempo de fazer. É tanta coisa, meu Deus!!!

Tati: Gente, essa casa tá uma bagunça, não se encontra mais nada. Onde é que está a Jacira?

Mariana: Calma filha, a Jacira não veio trabalhar. Ontem ela foi ao enterro da avó.

Tati: De novo? Mas essa aí não morreu há uns três meses atrás???

[O pai entra enquanto conversam]

Walter: Que família grande! A Jacira está com a gente há uns três anos. Já enterrou cinco avós, uns dez tios, primos e ainda tem gente prá morrer.

Tati: Peraí, no mês passado não morreu um cunhado?

Mariana: Calma gente, deixa prá lá. A Jacira pode ter lá suas manias, mas no fundo é uma boa pessoa, dedicada e caprichosa.

[Alex entra com Geovane]

Alex: É ... muito caprichosa. Vcs viram o buraco que ela fez na minha camisa de seda?

Geovane: Vi, Alex, mas eu vi também os seus sapatos que ela engraxou com todo cuidado e olha que isto não é tarefa dela! Todos nós temos defeitos. Mas se a gente olhar com cuidado vamos ver que todos temos também qualidades.

Walter: Um presente pra quem me mostrar as qualidades daquela criatura...*(mostra o cunhado dormindo no sofá)*

Mariana: Walter, meu bem, não implica com meu irmão, o pobre só está dormindo.

Walter: Ah! E ele sabe fazer outra coisa?

[O Cunhado se levanta, dá uma olhada pro Walter, espreguiça ignorando a presença de todos, deita-se de novo e dorme. Todos olham com expressões diferentes, fazem comentários e saem. O pai fica agachado no chão, remexendo uma caixa de papelão como se procurasse alguma coisa.]

CENA II – Walter

[A empregada entra dançando e cantando, como se voltasse de uma festa. Walter levanta-se, ela se recompõe, senta no sofá e começa a chorar.]

Jacira: Ah! Seu Walter, seu Walter, que coisa triste, o senhor nem pode imaginar...

Walter: Ah Posso! Posso sim. Agora, por favor, me faça um café, tá bem?

Jacira: Ora, o senhor não se comove, não? Não tem coração. Pois eu faço seu café e ... *[olha o cunhado]* Ah, meu Deus!!! E esse aí, hein seu Walter... Ah, meu Deus!!! Seu Walter, este encosto não ia embora ontem? Tava de mala pronta e tudo...

Walter: Grande novidade... está indo embora há dois anos, não lembra?

Jacira: Se lembro, chegou aqui com quatro malas para uma visitinha de fim de semana que se estica até hoje.

Walter: Será que não tem um jeito?...

Jacira: Não olha prá mim, eu já fiz tudo que é simpatia que eu sabia...

Walter: Por mim, ele já estava na rua, mas é cunhado... o que eu posso fazer, expulsar o infeliz?

Jacira: É, parente é parente...

Walter: Cunhadagem não é parentesco, e no caso desse aí então... é castigo.

[A empregada vai para a cozinha, Walter continua a remexer na caixa resmungando.]

CENA III – Mais uma!

[A campainha toca.]

Walter: Jacira!!!

[A campainha toca de novo]

Walter: Jacira!!!

Jacira: Já vai!!!

[Jacira aparece com um pano de prato na mão]

Jacira: Tô indo, ora. Tudo eu nessa casa, tudo eu! *(Fala para a porta)* Já vai!

[Jacira vai até a porta, abre, a pessoa entra. Jacira olha a moça dos pés a cabeça]

Jacira: Ah... meu Deus...

[A moça põe as malas no meio da sala]

Zumira: É aqui que mora a Dona Mariana, num é? Pois é, eu sô a subrinha dela, Zumira

[Walter se levanta e fica espantado olhando a moça e as malas]

Jacira: Então você é a Zumira, sobrinha de dona Mariana, Ah! Meu Deus!!! E as malas???

Zumira: É que eu vim prá cidade. Eu sô do interiô, num sabe? Eu vim prá mode ficá uns dia “cosseis”

Jacira e Walter: *[se olham e falam juntos]* Ah... Meus Deus!!!

[Mariana entra]

Mariana: O que é que está acontecendo? Vocês brigando e a campainha tocando (vê a sobrinha). Zumira!!

Zumira, que bom te ver aqui, menina como você cresceu, tá uma moça! Que bom, vamos lá prá dentro.

Walter, querido, traz as malas.

[Walter pega uma caixa no chão]

Walter: O que tem aqui dentro? *[Zumira volta rápido]*

Zumira: Ah, nada não sinhô. Deixa que eu levo.

[Jacira toma a caixa]

Jacira: Ora, pode deixar que eu guardo.

[Zumira pega de novo]

Zumira: Não, pode dexá ela comigo.

[Jacira faz um gesto do tipo: “eu hein!”, Mariana vai com Zumira para o quarto. Walter continua com a caixa.]

CENA IV – Alguém tem que pagar as contas

Jacira: Oh, seu Walter, o senhor não vai trabalhar, não? Já tá quase na hora do banco abrir e eu quero arrumar a sala. Afinal, o que é que o senhor tanto mexe nessa caixa? Eu, hein?

Walter: Tô indo, Cristo! Será que um homem não pode ter sossego nem na própria casa? Mariana, tô indo, um beijo. Até logo, Zumira.

Jacira: Ah! Seu Walter, não me esquece de pagar a luz, se não o sujeito da CEMIG vem e pimba... tamo sem luz. E se tem uma coisa que eu não tenho é vocação para vaga-lume... por falar nisto, seu Walter, será que o Geovane não tem por aí nenhuma vela colorida, não?

Walter: Colorida???

Jacira: É... preta, vermelha...

Walter: Ora, Jacira, não fala bobagem, o Kardecismo é fê raciocinada, as reuniões que o Geovane vai são de estudo e aprendizado do Evangelho de Jesus e não tem esse negócio de dogma, culto externo...

Jacira: Seu Walter, não tô falando de nada externo, tô falando de macumbaria aqui do Brasil mesmo.

Walter: Ah, Jesus!! Não dá prá conversar. Me dá logo esta conta.

Jacira: Tá aqui, e não vem com essa que esqueceu, que prá mim é pão-durismo mesmo... olha aqui o salário que o senhor me paga prá trabalhar no claro não é lá grande coisa, ainda por cima, ficar no escuro... é ruim, hein!!!

Walter: Oh, Jacira, eu vou indo tá, antes que eu faça uma besteira.

[Walter se despede novamente de Mariana, que responde do quarto.]

Mariana: Até logo, querido. Bom trabalho. Cuidado com o trânsito, viu?

Walter: Tá certo!

[Walter olha feio para a empregada que está plantada como um general. Sai. Jacira faz um gesto tipo “Até que enfim”. Liga o rádio e começa a limpar a casa (música regeneração), põe óculos escuros e dança. (fim da música). Mariana entra com Zumira.]

Mariana: Jacira, minha filha, abaixa este rádio *[fala para Zumira]* Olha filha, eu tenho que sair, mas a casa é sua. Pode ficar à vontade, viu!!! Eu só vou visitar uma amiga que está doente, uma ex-empregada que teve bebê. E ainda tenho que comprar um presente pro porteiro do prédio. Sabe, hoje é aniversário dele.

Zumira: Se avexe não tia, pode ir fazê suas coisa, eu fico bem aqui cum a Jacira.

Jacira: Deixa comigo, dona Mariana.

[Mariana se despede, Zumira anda pela sala]

CENA V – Espinhela caída

Zumira: UAI!!! E aquele ali no sofá, quem é?

Jacira: Quem, aquele traste ali?!! Ora, é seu tio. Irmão de dona Mariana.

Zumira: Uai, ele tá duente???

Jacira: Bom, se preguiça é doença....

Zumira: Já deu algum remédio prele?

Jacira: Ah, já. Inclusive, se não fosse por dona Mariana, que é uma santa, eu mesma dava um chá de vassourada nele todo dia.

Zumira: Coitado... Eu vi um rapaz assim, espinhela caída. Foi amofinano, amofinano. Fizéro inté uma novena prele.

Jacira: Desiste, minha filha. Este aí nem com reza braba.

CENA VI – Um dia inteiro

[Carlão se levanta, espreguiça, pega alguns livros, e sai.]

Jacira: LIVRO ?!! Que será que deu nele ? Bom, vou preparar o almoço.

[Saem da sala. Luz se apaga por alguns segundos. Carlão chega com alguns livros e um jornal, e fala para Jacira que volta logo depois. Apaga a luz.]

Carlão: E aí, já tem almoço?

Jacira: Almoço? Olha aqui, seu come-quieto, você vive no mundo da lua ou tá me gozando? Eu já tô preparando o jantar e você vem saber do almoço?

[Walter chega.]

Walter: Ah, que bom. O jantar já está pronto? Ótimo, porque eu já tô morto de fome. O dia lá no banco hoje foi de matar. Quero uma comidinha nova.

Jacira: Pois se depender de comidinha nova o senhor vai continuar defunto porque a comidinha é almoço requentado, já que ninguém veio almoçar.

Walter: Tô feito!

[Mariana chega tirando o sapato.]

Mariana: Querido, que bom que você já chegou. Deus, como eu andei! Não pretendia me demorar tanto, mas não teve jeito, a Maria mora longe... onde está a Zumira?

Zumira: Tô aqui, tia, tava ajudano a Jacira.

Mariana: Você é um anjo.

[Os filhos chegam conversando ou discutindo e cumprimentam os pais. Olham a Zumira.]

Tati: *[em tom meio baixo]* Mãe, quem é essa caipira, aí?

Mariana: Ah, crianças, já que ainda não se encontraram, essa é a prima de vocês, Zumira, que veio ficar uns dias com a gente.

Tati: Prima???

Alex: Tô fora!

Geovane: Que bom, é um prazer Zumira.

Jacira: Por falar nisso, dona Mariana, onde é que eu ajeito as coisas dela?

Mariana: Ora, no quarto da Tati. É espaçoso e...

Tati: É ruim hein... comigo não... violão. Arruma outro canto prá ela...

Zumira: Ô gente, num pricisa se incomodá cumigo não, eu drumo no quartin lá do fundo.

Geovane: Nada disso, aquilo lá tá mofado, cheio de tralha velha.

Zumira: Ah! Mas prá mim é um luxo. A minha casa lá na roça tá com as parede rachada, goteira prá todo lado, o chão é de terra batida, e a agente vive tão bem... num carece de preocupá não, eu me arrumo em quarqué canto.

[Todos olham para Tati, ela abaixa a cabeça envergonhada.]

Tati: Desculpa, Zulmira. Eu... eu vou gostar de ter você no quarto comigo.

Zumira: Cê é boazinha, mas num carecia...

Jacira: Bem, problema resolvido. Agora quem quiser jantar é melhor correr, porque rango esquentado duas vezes é ruim, hein?

Geovane: Bem, prá mim não vai dar. Vou tomar um banho rápido, tenho estudo no centro e não posso chegar atrasado.

Alex: Deixa eu ir primeiro, o meu caso é mais importante. Vou encontrar com a minha gata na discoteca.

[Mariana conversa com Walter. Tati vai conversar com o pai e Mariana vai conversar com Zumira. Música]

CENA VII – Lembranças de família

Mariana: Bonito este seu bordado!

Zumira: É ponto de cruz, aprendi com minha mãe.

Mariana: É, ela sempre bordou muito bem. Mas desde que ela morreu eu nunca mais voltei lá no sítio de vocês. Nessa correria da cidade grande, os dias passam, o tempo voa, e a gente nem vê.

Zumira: Mas a gente nunca esqueceu da senhora não. Sempre tão boa, mandando roupas, sapatos, até brinquedos.

Mariana: Ora, eram só coisas usadas, que já não serviam nas crianças.

Zumira: É, mas a senhora nem imagina com que alegria a gente recebia tudo aquilo. Quando o leiteiro deixava na porta lá de casa aquele pacote, era como se fosse Natal.

[Tati, que ouvia nesse momento a conversa...]

Tati: Engraçado, eu me lembro de uma boneca horrível que mandei prá você, escondido de minha mãe, porque era presente de minha madrinha.

Zumira: Uma de trancinha loira, vestida de noiva... Nossa! Foi o presente mais bonito que recibi nessa vida. Guardo até hoje, como se fosse um tesouro. Até chorei naquele dia. Brigada, Tatiana, Deus lhe pague.

[Tati fica sem graça.]

Jacira: Ai, gente, a comida está na mesa e eu tô indo ver minha novela.

Mariana: Meninos, venham jantar

[Alex chega apressado.]

Alex: Eu não vou jantar não. Como qualquer coisa na rua.

Mariana: Gente, alguém viu a Eliza? Essa menina sumiu.

Tati: Eu só vi ela ontem, parecia tão triste, não sei...

Mariana: Você conversou com ela?

Tati: Não, eu... eu tava com pressa, ia prá aula de natação.

Walter: É melhor a gente falar com ela, pode ser alguma coisa grave.

Carlão: Geovane, aqui está o seu estudo datilografado como você me pediu. Até pesquisei um pouquinho mais pra completar.

Alex: Estudo??? Estudo sobre o quê???

Geovane: É um estudo que eu vou apresentar na mocidade hoje, sobre a importância do trabalho.

[Todos olham para Carlão.]

Todos: Trabalho???

Walter: Essa é muito boa!

Mariana: Bom gente, vamos jantar.

CENA VIII – Drogas

[Alex se encaminha para a porta da rua.]

Geovane: Alex, ainda tem um tempinho, quero falar com você.

Alex: Não dá, tô atrasado.

Geovane: (Firme) Alex!!

Alex: Tá certo, o que você quer?

Geovane: Eu, nada. Só quero saber o que você quer Alex.

Alex: Do que você está falando?

Geovane: Das drogas, Alex.

Alex: Como você...

Geovane: Como eu sei? É fácil perceber, a gente dorme no mesmo quarto... você está estranho há muito tempo, e ultimamente tem feito coisas suspeitas.

Alex: Dei bandeira, né...

Geovane: Eu venho tentando me aproximar de você, mas você foge, então resolvi abrir o jogo.

Alex: Você está atrasado pro Centro Geovane.

Geovane: Não vai dizer que você está preocupado com isso, né Alex?! Você vive me criticando por causa desse “negócio” de Centro, como você mesmo diz. Você quer se livrar de mim? Quer evitar essa conversa mais uma vez?

Alex: Não, não é isso. Você... você não contou nada prá mamãe, não é?

Geovane: Claro que não, ela já tem problemas demais com a Tati. Não quero que perca a saúde por causa disto.

Alex: Eu também não. Geovane, eu... eu sei que fiz besteira, entrei numa fria... mas eu tô tentando sair. Eu vou sair... mas eu tô precisando de ajuda. Me ajuda cara!!!

Geovane: Claro, é prá isto que eu estou aqui. Você quer mesmo ajuda, Alex? Quer sair desta? Então prá começar esqueça a discoteca. Está vendo este livro? O autor dele se chama Luiz Sérgio. Ele desencarnou quando jovem e agora trabalha para ajudar aqueles que se envolvem com drogas. Este livro fala sobre as drogas e suas consequências, sobre a parte física e espiritual, numa linguagem muito fácil e do nosso cotidiano. Acho que vai te ajudar muito.

[Alex folheia o livro meio cabreiro.]

Alex: É, parece interessante... Está bem, eu vou ler.

Geovane: Amanhã a gente conversa sobre o que você achou do livro, e se você tiver alguma dúvida, me pergunta. Boa Noite.

[Alex fica lendo. Música. Jacira aparece sonolenta.]

Jacira: Uai menino, cê num ia sair?

[Alex continua concentrado no livro e responde sim com a cabeça.]

Jacira: Desistiu?

[Alex faz sim com a cabeça, concentrado no livro.]

Jacira: Eu, hein, quem entende! É melhor você ir pro seu quarto, todo mundo já foi dormir.

[Alex levanta lendo o livro e sai.]

CENA IX – Uma boa conversa... sempre ajuda

[Apaga a luz. Eliza entra na escuridão. Luz acende devagar, mantém penumbra.]

Eliza: Meu Deus, me ajude! O que é que eu faço, meu Deus? Me dê uma luz, não sei o que fazer... não sei...

[senta no sofá com a cabeça entre as mãos. Luz se acende, ela se assusta.]

Eliza: Tio Carlão!

Carlão: Eliza, o que você está fazendo aqui desse jeito no meio da noite?

Eliza: Eu... nada... não é nada.

Carlão: Como não é nada? Pode falar, querida, eu sei que você está com algum problema. Vive triste, calada pelos cantos da casa ultimamente. O que aconteceu???

Eliza: Engraçado você dizer isso. Você é sempre tão distraído, como notou que eu estava triste?

Carlão: Eu sei que pareço indiferente Eliza, mas sinto quando algo está errado. Além do mais... nem aquele seu lindo sorriso eu tenho visto ultimamente... O que aconteceu, filha? Brigou com o namorado?

Eliza: Antes fosse... Ele está com outra, não quer mais saber de mim... Mas isto ainda não é o pior. É que... eu... eu estou esperando um filho dele. *[levanta e começa a falar agitada]* Não sei como dizer isso aos meus pais, não sei como enfrentar essa situação... eu acho... que vou fazer um aborto.

Carlão: *[levanta-se de súbito]* Não, isso não, Eliza!

Eliza: Porque não?

Carlão: Porque o aborto é um crime. Fere as leis de Deus e dos homens.

Eliza: O que você sabe sobre isso?

Carlão: Não muito... Sabe Eliza, o Geovane tem me pedido pra datilografar alguns de seus estudos. São estudos lá do Centro espírita onde ele participa. E lendo uma coisinha aqui e outra ali eu tenho aprendido bastante. O que eu sei sobre o aborto é que quando ele é provocado é um crime, pois interrompe uma vida, tira a oportunidade a um Espírito de reencarnar aqui na Terra, que é essa grande e bendita escola, onde aprendemos a viver como irmãos.

Eliza: Mas tantas pessoas fazem aborto... tem clínicas, médicos...

Carlão: Por desconhecimento das leis de Divinas. Se essas pessoas soubessem a verdadeira finalidade da vida, jamais praticariam esse ato que traz consequências dolorosas.

Eliza: Consequências?

Carlão: Sim, Eliza. O aborto é uma violência, uma agressão ao organismo. E sempre deixa seqüelas físicas, psicológicas, sem falar nas espirituais.

Eliza: O que você quer dizer com isso?

Carlão: Bem, todos os atos de nossas vidas são registrados em nossa consciência...

Eliza: Meu Deus!!! Eu não sabia disso. Nunca tinha parado prá pensar. Então... o aborto não é solução para o meu problema... Mas, e agora, o que é que eu faço?

Carlão: Tenha calma e fê em Deus. Converse com seus pais. Eles vão te entender e te ajudar, afinal você é filha.

Eliza: Adotiva. E esse é o problema. Essa família me adotou e me amou sem distinção, sem preconceito.

Como é que eu fui me envolver nisto, o Marcelo não me amava de verdade, agora eu sei, mas é tarde demais...

Carlão: É... namoro é namoro, um relacionamento mais profundo, necessita de tempo, compromisso um com o outro e sobretudo amor; noutros tempos, esperava-se mais que existisse amor verdadeiro entre o casal, hoje em dia os jovens estão... *[olha para Eliza]* muito ansiosos... mas, agora temos que nos concentrar em outras coisas...

Eliza: Não quero dar trabalho para eles.

Carlão: Não pense assim... Tenha fé em Deus. Com fé e coragem conseguimos vencer todos os obstáculos. O momento parece difícil, mas você vai ver, quando essa criança nascer irá trazer muita alegria para todos nessa casa. Já pensou: seu pai brincando com ela, a Jacira implicando com os dois. Vai ser uma festa! *[abraçam-se]*

Eliza: Obrigada, tio Carlão! Você é uma pessoa muito legal. Desculpe eu não ter reparado isto antes.

Carlão: Não, Eliza, eu entendo. Eu tenho mil defeitos, mas tá na hora de fazer alguma coisa prá mudar. Agora vamos dormir.

[Luzes se apagam por algum tempo]

CENA X – Casa mal assombrada

[Um galo começa a cantar. As luzes se acendem, a família entra na sala, todos sonolentos.]

Alex: Gente, o que é que tá acontecendo aqui?

Geovane: O que é isso?

Jacira: Esta casa tá é mal-assombrada!! Viva São Jorge!!!

Tati: Deve ser ladrão.

Walter: Vou buscar minha arma.

Alex: Não fala bobagem, você nunca teve arma.

Jacira: Quer saber? Esse som eu conheço. *[vai lá na cozinha e apanha uma faca]* Hoje tem frango assado no almoço!

Carlão: Oba!!! Vamos pegar ele então.

Zumira: Não, por Nossa Senhora Aparecida, num faiz isso cum meu galin!!

Walter: O bicho é seu?

Zumira: É. É de istimação, num sabe? Ieu num tive coraige de largá ele lá na roça. O bichin ia morrer de disgosto...

Jacira: Ah meu Deus!

Alex: Tá certo, mas trazer um galo pra apartamento?!

Jacira: Eu ainda acho melhor a gente comer ele.

Tati: Detesto galinha caipira, esse bicho é muito sujo.

Mariana: Gente, o galo é da Zumira. Vamos deixar que ela decida o que fazer com ele, ora!

Zumira: Cês num pode cunzinhá ele. É um bicho tão bonzinho, inteligente, esperto. Oia, só farta falá. Pra mim ele é qui nem gente, num sabe?

Geovane: A Zumira tá certa, gente. É muito importante o amor que dedicamos aos animais nossos irmãos menores.

Jacira: Ah não! Peraí , eu não tenho nada contra as esquisitices da sua religião, esse negócio de não comer carne, não fazer isso nem aquilo... Mas agora querer que eu seja irmã de um galo feioso e caipira? É ruim, hein!

Tati: Alto lá, pega leve, né Geovane.

Alex: Também não tô gostando disso não.

Walter: Nem eu.

Geovane: Calma, gente, vocês não entenderam... Na natureza tudo se encadeia formando uma corrente rumo à evolução. Deu prá entender?

Todos: NÃO!!!

Geovane: Eu explico melhor: Os minerais, vegetais e animais são elos da cadeia evolutiva até chegar ao hominal. São fases embrionárias do espírito mostrando que Deus não desampara a nenhum ser da criação. Na natureza nada se perde, mas se transforma. Evoluindo e se purificando para um só fim, a perfeição.

Alex: E quando é que o homem chegará a perfeição?

Geovane: Quando se livrar de todas as suas más tendências. O ódio, a inveja, o egoísmo, o orgulho, etc. Quando estiver em paz com a própria consciência.

Walter: Onde você aprendeu tudo isso?

Geovane: No Centro Espírita.

Walter: Você nunca disse o que fazia lá

Mariana: Também a gente nunca perguntou, né filho? Acho que tá na hora da gente procurar saber.

Geovane: Pra mim vai ser um prazer dizer prá vocês tudo que quiserem saber, se eu souber é claro.

Tati: Gente, ninguém mais vai dormir nesta casa?

Walter: Ah, mas o dia já amanheceu!

[O galo canta de novo. Todos riem.]

Jacira: Bem, já que não tem galo prá cozinhar, é melhor eu fazer um café.

[Todos saem. Luzes se apagam.]

CENA XI – Um pouco de levedo...

Mariana: E você, Tati, como é que está na escola?

Tati: Mal. Não aguento mais aquilo lá. Os professores são todos uns chatos, a matéria é cansativa. Vou cair fora, mãe.

Mariana: Que é isso, filha. Não pode largar os estudos.

Walter: *[revirando a caixa]* Meu bem, me ajuda aqui com esta caixa. Céus, que bagunça!

[Mariana interrompe o diálogo com a filha e vai ajudar o marido.]

Jacira: Gente, o almoço tá pronto! Seu Walter, ainda remexendo essa caixa? Afinal, o que é que tem aí dentro? O mapa da mina?

Walter: Ora, não amola! Criatura implicante!

Mariana: Calma, querido, deixa o Jacira prá lá. *[acena para Jacira se afastar, ela sai bufando]* Eu te ajudo.

Zumira: *[fala com Tati]* Vai memo pará de istudá?

Tati: Vou.

Zumira: Que pena!

Tati: Pena por que? Você sabe o que é estudar num colégio daqueles?

Zumira: Ieu? Quem dera! Ieu só pude istudá intê o segundo ano de grupo. Nem lê direito eu sei, num vê como eu falo errado? As pessoa intê acha graça, eu sei. Mas é o meu jeito.

Tati: Ué, mas por que você não estudou?

Zumira: Ara, mas como? A gente pricisava trabaiaá nas roça. Aqui o colégio é grande, num é? Diz que a gente intê perde lá dentro. Na roça não, era só um quartinho de tora de madeira. Mas ficava grande condo a professora falava de tanto que a gente se esforçava prá aprendê alguma coisa.

Tati: E mesmo assim você queria estudar?

Zumira: Ah! Mais era o meu sonho. Quem istuda num vira chacota. Pode sonhá com um futuro mió, sem precisá tê vergonha de abri a boca. Mais num tem portância não, um dia eu vô ter essa oportunidade. É só tê fê e isperá com paciência.

[Tati fica emocionada.]

Tati: Meu Deus, como eu tenho sido egoísta. Até hoje, eu só tenho feito pedir, pedir receber e reclamar. Egoísta, irresponsável e mal-agradecida. Você se diz analfabeta, mas hoje me ensinou algo que eu nunca pude ensinar a ninguém, porque eu nunca soube o que é: humildade. Sabe Zu, você queria uma oportunidade. Pois a partir de hoje serei sua professora, faço questão. Só que enquanto aprende, você também vai me ensinar a ser melhor. E um dia hei de me tornar uma criatura tão bonita e sábia quanto você.

[Levanta e abraça Zumira. A mãe, que ouvia a conversa, se aproxima emocionada e abraça as duas. O pai disfarça uma lágrima e se junta ao grupo. Geovane chega com Carlão e Alex.]

Geovane: Ué, o que está acontecendo aqui?

Walter: Ah! Depois eu te explico, vem dá um abraço na sua irmã.

[Todos se abraçam.]

CENA XII – Pais e Filhos

Alex: Gente, tá tudo muito bem, mas cadê a Eliza?

Eliza: Eu tô aqui.

Mariana: Prá que essas malas, onde você vai?

Eliza: Vou embora.

Walter: O quê?!?

Eliza: Tenho que fazer isso não posso envolver vocês com os meus problemas.

Geovane: Problemas?

Eliza: Vou tentar resumir: ... eu e o Marcelo... a gente terminou. E... eu estou grávida, vou ter que criá-la sozinha. No princípio, desesperei, pensei em fazer tanta besteira... mas o tio Carlão me ajudou, me fez ver tanta coisa! Eu vou ter esse filho sim, darei a ela todo o meu amor. Mas não quero criar problemas para vocês, não tenho esse direito. Fizeram tanto por mim...

Walter: E acha que vamos deixar você ir? Sozinha, como uma criança? Você é nossa filha. O seu lugar é aqui.

Mariana: Eliza é prá isso que serve a família, pros momentos difíceis. Quando unimos forças para vencermos dificuldades.

[Eliza abraça os pais.]

Geovane: Ô Eliza, me desculpe. Você com tantos problemas e eu nessa correria de trabalho, estudo, e Centro nem percebi. A gente às vezes erra por tentar fazer caridade e se esquece da caridade que devemos exercer em nossa própria casa.

[Eliza o abraça]

Tati: *[eufórica]* Gente, eu sempre quis ter um sobrinho, até que enfim. Liza, pode deixar que eu cuido dele.

Alex: Não deixa essa doida mexer com o seu bebê, ela vai matar o pobrezinho.

Tati: Ah, fecha essa matraca. O que você entende de bebês, hein?

Mariana: Ei gente, não vamos começar a brigar desde já, ainda falta muito tempo, certo?

Jacira: Oh, pois quando nascer, no mesmo dia eu tiro férias: é mamadeira, é fralda, é banho, é ruim hein...

[Tati faz uma careta para o irmão. Carlão pega uma mochila em cima do sofá.]

Carlão: Bem, acho que hoje é dia de despedida. A Eliza fica. Parabéns, Eliza, tenho certeza que vai dar tudo certo para você. Vou visitar sempre o meu sobrinho, mas o tio Carlão precisa ir.

[Todos se assustam.]

Tati: Vai embora?

Geovane: Prá onde?

Carlão: Eu consegui um emprego como treinador numa escolinha de futebol na cidade vizinha. Sempre gostei de crianças e fui bom jogador no passado. Acho que vai dar certo.

Alex: Claro que vai dar certo, você leva jeito para a coisa, ensinou a garotada toda do bairro.

Mariana: Deus te abençoe! Vai dar cert, tenho certeza.

Walter *[sem jeito]:* Também vou torcer. E obrigado por ajudar Eliza, não vou me esquecer disto.

Carlão: Ora, não foi nada, eu gosto muito dela. Mas eu tenho mesmo que agradecer é ao Geovane. Com esta estória de datilografar trabalhos eu aprendi muito. Esse último então me fez tomar vergonha na cara. Aprendi que todos nós temos talentos e obrigação de usá-los para o bem de todos. O meu treinar crianças.

[Carlão abraça Mariana, acena para todos e sai]

CENA XIII – Mano

Eliza: Bem, vou guardar as malas.

Geovane: Ei, Alex, e aí, leu o livro?

Alex: A metade.

Geovane: O que está achando?

Alex: Ah... interessante. (Geovane bate no ombro do Alex e começa a sair).

Geovane: Mano, tem grupos de ajuda especializados em problemas como o seu.

Alex: Você iria comigo?

Geovane: Mas é claro, vou marcar e te falo, tá bom?

[Alex acena com a cabeça. Geovane vai saindo.]

Alex: Geovane...

Geovane: Que é?

Alex: Ah, nada. Deixa prá lá.

Geovane: O que é que foi Alex, fala cara!!

Alex: Você vai ao Centro Espírita hoje?

Geovane: Vou, hoje é sábado, dia de sopa, de evangelização, temos muito trabalho. Por que?

Alex: Nada. Curiosidade... Às vezes, fico pensando o que você tanto faz nesse centro.

Geovane: Ora, porque você não vai lá prá ver?

Alex: Eu não !!!

Geovane: Porque não? Alex, do que é que você tem medo?

Alex: Medo? Era só o que me faltava! Eu não vou porque eu não estou a fim.

Geovane: Não mesmo? Vamo lá cara, deixa de ser bobo, ninguém vai te morder.

Alex: Ah... bom... não sei... tá certo, eu vou, mas não pense que eu vou virar espírita. Essa não...

[Todos voltam para a sala.]

CENA XIV – Show de caxumba

Jacira: Dona Mariana, me desculpe, será que eu poderia sair mais cedo hoje? É a minha prima sabe? A Cacilda coitada! Que tragédia, meu Deus!

Mariana: Mas o que aconteceu?

Jacira: Caxumba, coitada! Foi assim de repente. Ah, meu Deus!

Geovane: Deixa que eu te levo.

Jacira: Não, não precisa, eu vou sozinha. Ah, meu Deus!

Mariana: Bem se é assim... pode ir, eu dou um jeito aqui.

Jacira: Obrigada dona Mariana, a senhora é uma santa. Tchauzinho prá todo mundo. (sai)

[Tati vai trancar a porta.]

Tati: Ih! Que papelzinho é este? Acho que caiu da bolsa da Jacira. Deixa eu ver... Gente! É um ingresso pro show do... Reginaldo Rossi!!!

Todos: Ah meu Deus!!!